

**“O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS:  
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO TEXTO  
(E, SUBSIDIARIAMENTE, À HISTÓRIA DE *PAPÉIS AVULSOS*)**

*José Américo Miranda*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

**Resumo:** Este artigo confronta o texto da primeira edição do conto “O espelho”, de Machado de Assis, pela editora W. M. Jackson, na obra *Papéis avulsos* (1937), com os textos da segunda (1920) e terceira (s.d.) edições da casa Garnier. O texto foi também confrontado com o da edição que publicamos neste número da *Machadiana Eletrônica* – para localização e identificação das variantes. Foram, ainda, confrontadas entre si as diversas edições da W. M. Jackson, de 1937 até 1957. Com isso, procurou-se identificar a fonte e a causa das variantes da edição W. M. Jackson de 1937, assim como localizar o momento em que elas foram (quando o foram) corrigidas.

**Palavras-chave:** História externa de textos, Machado de Assis, “O espelho”.

**I**

O conto “O espelho”, de Machado de Assis, teve três publicações enquanto vivia o escritor, segundo J. Galante de Sousa. A primeira apareceu no “Folhetim” da *Gazeta de Notícias*, em 8 de setembro de 1882, uma sexta-feira; a segunda foi a transcrição feita apenas quatro dias depois, na edição semanal da *Gazeta de Notícias* – em 12 de setembro; e a terceira foi em *Papéis avulsos*, obra publicada em novembro desse mesmo ano. (Cf. SOUSA, 1955, p. 79 e p. 535) A segunda das publicações mencionadas, não conseguimos localizá-la. Apesar disso, julgamos não haver impedimento à elaboração de uma edição que estabelecesse um texto fiel – afinal, tínhamos a primeira e a última das edições feitas em vida do autor. O texto-base para a nova edição do conto foi o publicado em livro (que foi, também, a última publicação em vida do autor); é nesta obra (*Papéis avulsos*) que se encontra a forma mais acabada do texto.

Morto o autor, em 1908, a editora Garnier, detentora que era dos direitos sobre sua obra, publicou ainda duas edições de *Papéis avulsos* – a segunda em 1920, e a terceira sem data. Esta última, que não traz data impressa, contém o mesmo texto de “O espelho” da segunda. Ambas as edições apresentam idênticas manchas textuais em cada página, ou seja, as mesmas composições, inclusive a numeração das páginas; são iguais os conteúdos de cada linha; e são os mesmos os erros e falhas. O exemplar da terceira edição que possuímos pertenceu a alguém que anotou na página de rosto, abaixo de sua assinatura (que não consegui decifrar), entre o nome do autor (no alto da página) e o título da obra (um pouco abaixo): S. P. 23/3/23. É possível que este seja o ano da edição, caso o proprietário do volume o tenha comprado (ou ganhado de alguém) pouco tempo depois da impressão. Fica sugerido, então, este ano de 1923 como uma data hipotética da terceira edição.

Em meados da década de 1930, a editora W. M. Jackson adquiriu da Garnier o direito de publicação das obras do escritor. Em 1937 aconteceram as primeiras edições dessa casa editora, que foi a detentora desse direito até 1958, ano em que a obra foi posta em domínio público por despacho do presidente Juscelino Kubitscheck. (Cf. CAMPOS, 2018, p. 135; MACHADO, 2008, p. 359-360) Quando foi comemorado o centenário de nascimento do escritor, em 1939, os direitos de publicação de suas obras pertenciam, com exclusividade, à casa W. M. Jackson. E pelos vinte anos seguintes, as únicas edições disponíveis para os leitores de todo o país eram as dessa editora. Nessas condições, por mais restrições que se lhes façam, elas (as edições W. M. Jackson) são de uma importância incontestável.

Não dispomos de informação segura sobre o número de edições publicadas pela W. M. Jackson. J. Galante de Sousa, que publicou sua *Bibliografia de Machado de Assis* em 1955, registra as de 1937, 1944, 1950 e 1952. (SOUSA, 1955, p. 79-81) De nossa parte, conseguimos obter as edições dos seguintes anos: 1937, 1938, 1942, 1944, 1946, 1950, 1952, 1955 e 1957 (o itálico indica as edições que não constam da *Bibliografia*; as duas últimas, compreensivelmente, por não existirem no tempo em que o pesquisador trabalhou). Algumas dessas “edições” são, muito provavelmente, reimpressões de edições anteriores; porém, como trazem datas diferentes, foram aqui consideradas novas edições. A partir de 1959 as edições W. M. Jackson deixaram de ter a importância que tinham, porque começaram a aparecer outras, especialmente as da

*Obra completa*, em três volumes, pela editora José Aguilar (cuja primeira edição é daquele ano, 1959).

Uma nova edição de um conto – no presente caso, de “O espelho” – que pretenda dar informações sobre a história do texto não pode, portanto, desconhecer as edições W. M. Jackson. Entre 1937 e 1959 houve pelo menos nove edições, que conseguimos obter e examinar. Para a edição do conto, consideramos apenas a primeira, de 1937, com o entendimento de que o texto recebeu, nessa edição, presumivelmente, um tratamento cuidadoso.

Depois dessa edição, a seguinte que foi levada em conta, com a mesma presunção de que nela o texto recebeu tratamento cuidadoso, foi a da editora José Aguilar, de 1959 – no segundo volume da *Obra completa* (em três volumes). Por ora, entretanto, fiquemos com as edições W. M. Jackson.

A crítica, ao longo do tempo, tem considerado descuidadas essas edições. O projeto da W. M. Jackson consistia em pôr a obra completa em 31 volumes, divididos em certas categorias: os romances, os contos, as crônicas, o teatro, a crítica literária, a correspondência. Alguns dos volumes que Machado de Assis publicou em vida continham textos de mais de um gênero – por exemplo, peças de teatro e ensaios críticos misturados com contos. Isso, de algum modo, não combinava com o projeto de volumes com textos do mesmo gênero. Resultado: alguns textos saíram dos volumes de contos em que foram originalmente publicados pelo autor, para juntar-se a outros do mesmo gênero, e o volume que perdeu textos, conservando embora o título original, foi completado com contos recolhidos de jornais (textos que o autor, em vida, não havia incluído nos livros).

Além das alterações feitas nos conteúdos (estrutura interna) de algumas das obras, havia o problema do estabelecimento do texto – também neste aspecto as edições W. M. Jackson deixavam a desejar. Estudos da obra machadiana dependiam dessas edições, as únicas disponíveis. O prof. Wilton Cardoso, numa “Nota final” a sua obra *Tempo e memória em Machado de Assis*, registrou:

*O presente trabalho foi elaborado com base na primeira edição das Obras completas de Machado de Assis, W. M. Jackson Inc., Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, 1937, que é aquela por onde conheceram Machado de Assis os leitores da minha geração. Não se trata de publicação que apenas inquiram numerosos erros gráficos,*

*como se diz que já ocorria com as últimas impressões da antiga Livraria Garnier, mas de amputação criminosa da obra do escritor, a qual está a exigir providências sérias. É simplesmente lamentável que, cinquenta anos depois da morte do criador de Brás Cubas, ainda não disponha o estudioso do maior dos nossos escritores de uma edição canônica, com texto apurado e fiel, de tudo quanto escreveu.* (CARDOSO, 1958, p. 281; grifo do autor)

Diz-se que a coleção das obras completas (31 volumes) passou por revisão na década de 1950; os volumes passaram, a partir dessa época, a ostentar, em notas da editora, no início dos volumes, os nomes dos responsáveis pelas revisões. (Cf. MACHADO, 2008, p. 259-260) A revisão de *Papéis avulsos* ficou a cargo de Ari de Mesquita. Das edições que conseguimos obter, a primeira que traz uma nota a respeito dessa revisão é a de 1952, onde lemos, no verso da página de rosto: “*Tanto a fidelidade do texto do presente livro como a sua forma vernácula, fixada pelo cotejo das mais autorizadas edições, são da responsabilidade de / Ary de Mesquita.*” (grifo da editora)

Quanto ao que já se dizia a respeito das “*últimas impressões da antiga Livraria Garnier*” a que se refere Wilton Cardoso, nós o constatamos, conforme se verá, por nós mesmos – confirmando o que se dizia naquele tempo (1958).

Será examinado aqui apenas o texto de “O espelho”; por esse conto, poderemos julgar do restante do volume (*Papéis avulsos*) – e da obra machadiana em geral. O exame que fizemos revelou alguns dados interessantes, que julgamos não serem de conhecimento público.

## II

No cotejo das nove edições selecionadas para confronto com o texto-base (no processo da edição do conto “O espelho” publicada neste número da *Machadiana*), ficou constatado, inequivocamente, que a edição que mais se distanciava da primeira era, justamente, a da W. M. Jackson de 1937. Algumas perguntas, então, surgiram em nosso horizonte: por que há tantos desvios (para não dizer “erros”) nessa edição? quando foram corrigidos (se é que o foram)? haveria uma explicação para isso, ou teria sido simples caso de descaso pelo texto durante a composição tipográfica? Foram essas as dúvidas que nos propusemos a esclarecer. Somos ainda hoje um país de escassa cultura e de pouca tradição no cuidado com a transmissão de textos; muito pior, julgamos, seria a situação nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

Não cuidamos aqui das diferenças de pontuação, que foram objeto de estudo à parte.<sup>1</sup> Tratamos apenas das variantes textuais, das omissões de trechos, de erros de outros tipos. Primeiro, vamos assinalar as divergências encontradas, com relação ao texto-base; depois, passaremos à investigação e à tentativa de explicação da história dessas divergências. Vamos numerá-las (são 14 as ocorrências), para facilitar em seguida o comentário e as referências a elas.

### 1

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **era** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim no texto-base, § 2)

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **é** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim em PA1937, § 2)

---

### 2

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade **de questões** que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim no texto-base, § 4)

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade **das questões** que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim em PA1937, § 4)

---

### 3

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, **um** par de botas, uma **cavatina**, um tambor, etc. (Assim no texto-base, § 7)

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, **uma** par de botas, uma **vacatina**, um tambor, etc. (Assim em PA1937, § 7)

---

---

<sup>1</sup> Ver “A pontuação no conto ‘O espelho’, de Machado de Assis”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

**4**

“Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no **coração***”. (Assim no texto-base, § 7)

“Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no **coçã***”. (Assim em PA1937, § 7)

---

**5**

Essa senhora é **parenta** do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... (Assim no texto-base, § 11)

Essa senhora é **parente** do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... (Assim em PA1937, § 11)

---

**6**

Santa curiosidade! tu não és só a **ama** da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. (Assim no texto-base, § 12)

Santa curiosidade! tu não és só a **alma** da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. (Assim em PA1937, § 12)

---

**7**

Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que **estes** perderam. (Assim no texto-base, § 13)

Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que **esses** perderam. (Assim em PA1937, § 13)

---

**8**

**Lembra-me de** alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim no texto-base, § 13)

**Lembro-me de** alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim em PA1937, § 13)

---

**9**

21 – Antes assim fosse.

**22 – Cousa pior?**

23 – Ouçam-me. (Assim no texto-base, § 21-23)

21 – Antes assim fosse.

23 – Ouçam-me. (Assim em PA1937, § 21-23)

---

**10**

Corri a casa toda, a senzala, **tudo, nada, ninguém**, um molequinho que fosse. (Assim no texto-base, § 23)

Corri a casa toda, a senzala, **tudo, ninguém**, um molequinho que fosse. (Assim em PA1937, § 23)

---

**11**

Mas a manhã passou sem vestígio dele; **e à tarde** comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (Assim no texto-base, § 23)

Mas a manhã passou sem vestígio dele; **à tarde** comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (Assim em PA1937, § 23)

---

**12**

Ninguém **nas salas, na varanda, nos corredores**, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... (Assim no texto-base, § 23)

Ninguém **nas salas, nos corredores**, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... (Assim em PA1937, § 23)

---

**13**

Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me **chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major**; e tudo isso fazia-me viver. (Assim no texto-base, § 25)

Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me **chamavam capitão ou major**; e tudo isso fazia-me viver. (Assim em PA1937, § 25)

---

**14**

Mas o estilo, **como a tia** Marcolina, deixava-se estar. (Assim no texto-base, § 25)

Mas o estilo, **colo e tia** Marcolina, deixava-se estar. (Assim em PA1937, § 25)

O exame dessas quinze variantes (são quinze, porque o trecho n. 3 contém duas) e o confronto com as duas edições Garnier (a segunda, de 1920, e a terceira, s.d.) permitiram-nos concluir que a edição W. M. Jackson de 1937 utilizou como fonte não a primeira edição de *Papéis avulsos*, mas a segunda ou a terceira (cujos textos são idênticos). Descobrimos, assim, a primeira falha da edição de 1937, que consistiu em

não basear-se no texto mais confiável, que é o da primeira edição em livro (única em livro feita sob as vistas do autor). A edição que deu origem à de 1937 é a responsável por quase a metade, ou seja, 6 das variantes textuais. Além desse primeiro deslize, a W. M. Jackson introduziu outras 9 variantes no texto. Em outras palavras, as duas edições, a de Garnier utilizada como fonte e a de W. M. Jackson de 1937, se merecem. Em termos de fidelidade aos textos-fonte, elas estão muito próximas, praticamente se equivalem. O texto-fonte das edições segunda e terceira da Garnier foi, com toda certeza, o da primeira edição de *Papéis avulsos*, de 1882; o texto-fonte da edição da W. M. Jackson, de 1937, foi o da segunda ou da terceira edição Garnier.

Já constavam das edições Garnier as variantes aqui registradas sob os números 1, 2, 3, 10 e 14. O trecho de n. 3 contém duas variantes: a segunda vem das edições Garnier; a primeira é própria da edição de 1937. A variante de número 12 consiste numa omissão da expressão “na varanda”, cuja grafia estava truncada nas edições Garnier. Não tendo sido entendida, a expressão foi omitida na edição de 1937. Em ambas as edições Garnier, ela vinha grafada assim: “naara vnda”. Essa variante, portanto, se não é propriamente uma variante do texto-fonte, existe na edição de 1937 em consequência do truncamento; portanto, é uma omissão oriunda das edições Garnier.

As variantes dos trechos de n. 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11 e 13 são próprias da edição de 1937; assim como uma das variantes do trecho n. 3.

Se é verdade que alguns dos erros das edições Garnier se transmitiram para a edição de 1937 da W. M. Jackson, é também verdade que a transcrição não foi completamente servil: em pelo menos dois casos, erros presentes nas edições Garnier foram corrigidos (não aparecem na edição de 1937). Vejam-se os casos:

#### **1A**

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e **um pouca**, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim nas edições segunda e terceira da Garnier, § 4)

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e **um pouco**, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim na edição da W. M. Jackson de 1937, § 4)

## 2A

A alma exterior **póue** ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (Assim nas edições segunda e terceira da Garnier, § 7)

A alma exterior **pode** ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (Assim na edição da W. M. Jackson de 1937, § 7)

Os erros são óbvios, fáceis de identificar, e foram corrigidos pelos responsáveis pela edição da W. M. Jackson de 1937. Na primeira das passagens transcritas (1A), entretanto, havia outros erros, tanto vocabulares como de pontuação, que se transmitiram à edição seguinte (a de 1937), assim como houve um erro de pontuação introduzido em 1937 (ver no texto editado de “O espelho”, neste número da *Machadiana Eletrônica*, as variantes registradas).

Além desses casos, há um outro, que envolve o trecho da variante de n. 1: onde está (na edição de 1937) “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.”, lê-se, nas edições Garnier: “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão e a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.” Houve, portanto, no próprio trecho de uma variante transmitida, uma correção feita pelos editores de 1937.

## III

O passo seguinte foi verificar quando essas variantes foram detectadas e corrigidas, na sequência das edições da W. M. Jackson. Foram corrigidas já na edição de 1938 – o que revela algum grau de vigilância sobre o texto – as duas variantes presentes no trecho de n. 3, a variante de n. 4, a de n. 5, a de n. 9, a de n. 10 (com introdução de pontuação diferente) e a de n. 14. Não foram corrigidas (pelo menos até 1957) as variantes de n. 1, n. 2, n. 6, n. 7 e n. 11. Foram corrigidas em 1952, primeira edição feita sob os cuidados de revisão de Ari de Mesquita, as variantes de n. 8, n. 12 e n. 13.

As variantes corrigidas em 1938 foram, principalmente, aquelas de fácil identificação por um leitor atento: n. 3 – “uma par de botas” e “vacatina”, no parágrafo n. 7, passaram, respectivamente, a “um par de botas” e “cavatina” (são casos fáceis: no primeiro, trata-se de concordância; no segundo, de palavra que não existe – “vacatina”); n. 4 – “coçãõ” foi corrigido para “*coraçãõ*” (caso igualmente fácil, que o contexto praticamente esclarece); n. 5 – “parente” passou a “parenta” (na ocorrência, a palavra é adjetivo do gênero feminino); n. 9 – o truncamento do diálogo é mais ou menos evidente; n. 14 – “colo e tia” foi alterado para “como a tia” (a variante anterior sequer fazia sentido). A correção da variante de n. 10 não é tão óbvia, deve ter sido corrigida por confronto com a primeira edição; porém, ao introduzir a palavra “nada” (que estava faltando), o período teve a sua pontuação alterada, e ficou assim: “Corri a casa toda, a senzala, tudo: nada, ninguém, um molequinho que fosse.” Os dois-pontos entraram no lugar de uma vírgula.

As variantes que não foram corrigidas (pelo menos até 1957) são as verossímeis, aquelas que o leitor não suspeita estarem no lugar de outra palavra ou outra forma verbal. São as seguintes: n. 1 – a forma verbal “é” está no lugar de “era” (o período não fica “errado” com a mudança do tempo verbal); n. 2 – “das questões” no lugar de “de questões” (no contexto da frase, passa sem qualquer suspeita de que se trata de uma variante); n. 6 – a expressão “alma da civilização” é de mais fácil entendimento do que “ama da civilização”; n. 7 – “esses” no lugar de “estes” é variante praticamente imperceptível; n. 11 – “à tarde” no lugar de “e à tarde” é outra variante praticamente imperceptível (só um confronto atento dos textos a revela).

Por fim, as três variantes corrigidas em 1952, na primeira edição submetida à revisão de Ari de Mesquita, são as seguintes: n. 8 – “Lembro-me de alguns rapazes” no lugar de “Lembra-me de alguns rapazes”; n. 12 – a introdução da expressão “na varanda” no período – “Ninguém nas salas, **na varanda**, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma...”; e n. 13 – a introdução de toda uma sequência de palavras – “me chamavam **alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major**” no lugar de “me chamavam capitão ou major”.

Essas duas últimas correções só poderiam ser feitas por confronto com uma edição em que o texto estivesse completo – naquela data, só a primeira edição em livro

ou no rodapé da *Gazeta de Notícias*. Devemos nos lembrar de que os direitos de publicação das obras de Machado de Assis foram adquiridos da casa Garnier, que era a detentora deles, e de que a primeira edição de *Papéis avulsos* não foi feita por essa editora, mas pela Lombaerts (em 1882). Isso explicaria razoavelmente por que o texto-fonte das edições W. M. Jackson não foi o da primeira edição.

A primeira das três correções feitas em 1952, que supomos resultarem do confronto com o texto da primeira edição, diz respeito à regência do verbo “lembrar”. Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova gramática do português contemporâneo*, tecem as seguintes considerações sobre esse tipo de construção:

Com o sentido de “vir à memória”, que é o mais usual, admite (o verbo “lembrar”), à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**

b) **Lembra-me o acontecimento.**

c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial seja na literária: [seguem exemplos].

[...]

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal: [seguem exemplos].

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual [seguem exemplos – um deles de Machado de Assis]. (CUNHA, 2007, p. 530-531)

Celso Pedro Luft, citando diversos outros autores, lembra que a primeira das construções mencionadas tem o verbo como pessoal, e indica “propósito e esforço” (para se lembrar do acontecimento), ao passo que a segunda “é de cunho literário, muito ao gosto de Machado”, e é “sintaxe hoje [...] quase desusada – o verbo, nesta segunda construção, é usado como ‘impessoal, a lembrança é casual e não provocada’”. (LUFT, 1987, p. 351) Como Celso Cunha e Lindley Cintra, Celso Luft registra a terceira construção como resultante do cruzamento das duas anteriores.

A segunda das construções parece ter sido a predileta de Machado de Assis, pelo menos na maturidade. Em *Dom Casmurro* seu uso é frequente – exemplo: “Vi uns riscos abertos, e lembrou-me o gesto que ela fizera para cobri-los.” (ASSIS, 1969, p. 84, cap. XIII) Em “O espelho”, encontramos as três construções: “Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases

soltas, para intercalar no estilo.” (§ 25, construção 1); “Lembrou-me vestir a farda de alferes.” (§ 33, construção 2); e “Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo.” (§ 13, construção 3)

Esse terceiro uso é certamente o mais raro (no Brasil), razão pela qual (muito provavelmente) deve ter havido uma tentativa de “correção” – que gerou a variante na edição de 1937.

#### IV

O confronto que realizamos revelou, também, alguns dados a respeito das edições José Aguilar e Nova Aguilar. Os dados de que dispomos, entretanto, no tocante a essas outras edições, são poucos e incompletos – por esse motivo, e para não tornar confuso o texto, preferimos nos restringir a esta etapa da história do texto: das edições Garnier e das edições W. M. Jackson até 1957, edições (estas últimas) que continuaram existindo depois da década de 1950.

O estudo nos revelou duas coisas importantes: primeira – o texto-fonte da edição W. M. Jackson de 1937 não foi o da primeira edição (Lombaerts, 1882), mas o das edições Garnier (editora da qual a W. M. Jackson adquirira os direitos de publicação das obras de Machado de Assis); segunda – o texto de 1937 passou por revisão antes da década de 1950, quando a editora confiou a revisão a Ari de Mesquita. Houve correções já na edição de 1938. É certo, entretanto, que os problemas continuaram, como persistem até hoje. Não estamos aqui, trabalhando nisso?

#### **“O ESPELHO”, BY MACHADO DE ASSIS: CONTRIBUTION TO THIS TEXT HISTORY (AND TO THE HISTORY OF *PAPÉIS AVULSOS*)**

This paper confronts the text of the first edition of the short story “O espelho”, by Machado de Assis, by the publisher W. M. Jackson, in *Papéis avulsos* (1937), with the texts of the second (1920) and third (s.d.) editions of the Garnier publishing company. The text was also compared with that of the edition we published in this issue of *Machadiana Eletrônica* – for the location and identification of variants. The various editions of W. M. Jackson, from 1937 until 1957, were also confronted with each other. We attempt to identify the source and cause of the variants in the 1937 W. M. Jackson edition, as well as to identify the moment when these variants were (if they were) corrected.

**Keywords:** External history of texts, Machado de Assis, “O espelho”.

## Referências

- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1920.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1946.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]
- CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018.
- CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª edição revista e ampliada. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.
- SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.